

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas**

MEMÓRIAS DE UM CORPO DE LAMA

Tainá Natália de Sousa Martins

BRASÍLIA
2018

Tainá Natália de Sousa Martins

MEMÓRIAS DE UM CORPO DE LAMA

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Hartmann

BRASÍLIA

2018

Aqui, trato da sabedoria do não saber,

Do vazio, do fecundo, do mistério, das bênçãos.

Por isso,

Dedico os escritos feitos aqui a [toda força feminina] que existe no mundo.

À resistência,

Às mães solo, às Marias e Luzias, às avós, às bruxas, às benzedeiças, às mulheres transexuais, às selvagens, às sonhadoras, às guerreiras, às cuidadoras, àquelas que se relembram, às despertas, às porretas, às que por traz dos véus trazem as orelhas pontudas e atentas. Às insubordinadas, às militantes, às libertas, às curiosas, às clandestinas, às atentas aos rios, marés e cachoeiras. Às que conversam coisas profundas com as águas, às contadoras de histórias, às irreverentes, às patetas e brincantes, às encantadoras, às sereias, às batuqueiras e às tecelãs.

Que aqui seja um encontro das nossas águas,

Rio abaixo do Rio

Um copo d'água a cada coração que exaustivo trabalhe

Mantenham-se fortes.

Que fique a lembrança e o recado:

Do vazio, o impossível pode-se fecundar

Onde já se dá vida, o possível já está a crescer.

Mantenham-se em si.

Nos amo.

AGRADECIMENTOS

Aos guias do meu caminho, Ajé e Ogum, agradeço por cuidarem de meus olhos e de meu coração.

Agradeço a resistência que me fez chegar até aqui, com direito a voz e escuta.

Agradeço a minha tríade familiar, avó, mãe e dindinha, por me parirem e nutrirem meu corpo e espírito. À Milene Bernardes, pedra preciosa que tenho no peito.

Agradeço aos terreiros, por me acolherem no umbigo do mundo e me sustentarem em pé quando achei que não existiam mais caminhos. À Carla e Fernando, mãe e pai de santos, que me mostraram como voltar pra casa.

Agradeço à todas as mulheres da minha vida.

Agradeço a Thiago, companheiro de jornada e coração.

Agradeço às minhas irmãs e irmãos, companheiras de caminhada, família que escolhi, por todo o amor que semeamos e acreditamos que podemos dar pro mundo. Eu guardo todos vocês. Escrevo por todos vocês e não deixo de acreditar em nossa potência revolucionária nem um segundo.

Agradeço a Luciana, minha orientadora, que confiou em mim e com muita sabedoria e carinho soube me guiar nessa travessia. À Laranjeiras e Roberta que me presentearam com tempo compondo minha banca. Às minhas mestras e mestres da graduação, que me despertaram o valor do conhecimento.

Agradeço a Seu Estrelo, Laiá, e todos os que já comeram estrelas.

Agradeço a quem me lê.

E a tu, pequenina Tainá,

Por não me deixar esquecer quem sou.

Gratidão terra, viver é emocionante.

Eu sou dois seres. O primeiro é fruto do amor de João e Alice. O segundo é letral: É fruto de uma natureza que pensa por imagens, como diria Paul Valéry. O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidades. O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades frases. E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

Manoel de Barros

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a investigação da memória enquanto potência poética para criação dentro do Teatro de Terreiro. Este caminho é trilhado a partir do brincar, pelo olhar da criança e da cultura popular, em processos criativos dentro e fora da UnB, e na reflexão do corpo enquanto arsenal de memórias.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Brincadeira; Teatro de Terreiro; Cultura Popular; Interpretação Teatral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: Tempo-Quintal e as memórias de criança no começo do mundo.....	13
1.1 A brincadeira que tem todo o mistério do mundo.....	19
1.2: Verbo Meninar: Pipa que voa com o fio de vida.....	24
CAPÍTULO 2: Os lampejos da memória que acorda: Minhas voltas pra casa.....	28
2.2: A natureza dual: Ser velha enquanto criança.....	33
CAPÍTULO 3: O invisível visível: Memória e baú.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Intervenção urbana no Metrô Saldanha. Lisboa. Olhar de Sara Canaverde.....	9
Figura 2: Tirinha de Liniers Fellini. Argentina, 2012.....	17
Figura 3: Mulher Barbada no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: A Quarta Roda ou O Amor é Rio Sem Margem. Outubro, 2017. Olhar de Leonardo Pacheco.....	21
Figura 4: Mulher Barbada no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: A Quarta Roda ou O Amor é Rio Sem Margem. Outubro, 2017. Olhar de Leonardo Pacheco.....	23
Figura 5: Figura Inocência no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: Trincheira ou Poeira é Vestido de Vento. Setembro, 2018. Olhar de Webert da Cruz.....	33
Figura 6: Figura Inocência no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: Trincheira ou Poeira é Vestido de Vento. Outubro, 2018. Olhar de Thaís Mallon.....	37



Figura 1 - Metro Saldanha, Lisboa. Foto de Sara Canaverde.

Nossa memória sabe que o
nosso coração tem o mesmo
pulsar das estrelas.

Tico Magalhães

INTRODUÇÃO

Aqui, espaço.

Agora, tempo.

Esta monografia é um refúgio. Refúgio é, antes de tudo, um lugar de encontros. E por ser encontro, é também um presente. Presente, de acordo com o dicionário Aurélio, é “1. O tempo atual”. E presentear é “1. Dar presente”. Presentear é também dar *tempo*. Dispor de tempo. Refúgio é quando o tempo, em meio ao caos, pode ser apropriado por nós para enfim dançarmos com mais calma junto dele novamente. Mais inteiras, mais vivas e alinhadas. Por isso, e talvez por me reconhecer em uma natureza silenciosa, defino: refúgio. E presenteio: o tempo aqui é o espaço da nossa voz, memórias e brincadeiras.

Começo a nomear essa pesquisa por volta de dois anos atrás quando, instigada pelo que me move, percebi uma curiosidade que percorria espaços em comum que pude frequentar. A curiosidade vinha por eu sentir outros ambientes dentro de um só, por perceber, nesses espaços, o tempo dilatar e se afinar. Um desses espaços é o palco, a cena, que escolhi como ofício, mas são também as rodas de terreiro, quintais das casas que tem crianças, lugares nos quais consigo ver amplamente o céu e onde as mulheres se reúnem pra rir. Todos esses espaços trazem a poesia dos pequenos e grandes gestos. E, como num convite, parecem nos instigar a conhecer um pouco mais sobre nós mesmas. Nos mergulham num “estado de poesia”, onde, numa retroalimentação, conseguimos instaurar o poético da terra ao céu. O espaço nos alimenta, porque nós alimentamos o espaço, formando assim um terreno fértil o bastante para o brotar de novos corpos. Viramos um corpo celeste. *Um corpo de lama*. E então podemos relembrar, podemos recordar quem somos... Podemos, enfim, até vir a ser a memória viva. Como Galeano¹ n’O Livro dos Abraços, me relembra: “Recordar: Do latim “re-cordis”, voltar a passar pelo

¹ Eduardo Galeano foi um escritor e jornalista uruguaio.

coração...” (2002, p.13) Voltar pra casa, achar refúgio para criar novamente. Avançar.

Tudo começa na infância. Não pontuo no sentido de uma segurança ilusória da nossa imutabilidade, podemos transformar quem somos, e com isso também a nossa criança, ao passo que desejarmos. Escrevo da infância, porque, de fato, percebo que a criança é a construção de nossa imagem mais rente ao coração. Ela é a base. E sempre me parece sensato voltar as bases para me lembrar quem sou. Minha criança tem a sabedoria necessária pra que eu possa seguir, e também paradoxal, algumas das vezes, talvez por ter me tornado adulta - um lugar mental traiçoeiro. Acredito que faz parte o equilíbrio. No entanto, ela parece sempre compreender esse caminho do coração.

Esse é um trabalho de conclusão de curso em Interpretação Teatral, abordarei aqui processos criativos que passei do início, em 2013, até o final da minha graduação, agora em 2018, que se voltam a investigar a memória dentro do Teatro de Terreiro, teatro que tive o primeiro contato com o grupo chamado Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, do qual faço parte atualmente. No primeiro capítulo desta monografia, faço um resgate da criança interna, que vai de mãos dadas comigo percorrer todas as reflexões que faço adiante. A brincadeira, na cultura popular e na criança, é o exercício e invenção de quem se é. O que faz do teatro uma brincadeira nos quintais e nas ruas. Pontuo, portanto, o meu primeiro espaço de curiosidade onde percebi o tempo se dilatar e afinar: aquele que as crianças ocupam. Suas transformações temporais e poesias, seu exercício teatral e resgate de memórias. Venho através do brincar partilhar meu primeiro palco... o quintal.

Dado o primeiro passo, apresentando por olhar quero me colocar, adentro os processos criativos que me despertaram para os entendimentos que investigo nesta pesquisa. Entro no segundo capítulo. Vivencio o tal “recordar” escrevendo a monografia, pois investigo e conecto processos que criei dentro da academia, e levando para fora dela, num multiplicar de criações, através do grupo que pesquiso, brinco e atuo: Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro. Descubro figuras e personagens que sempre estiveram enquanto memória e só os assumi. Esse é

o capítulo que escrevo sobre a minha experiência com a memória dentro de um processo criativo, para criação de personagem e acionamento poético. Como se fez o recordar, como voltei pra casa, como me levei ao refúgio de potência e criação.

No último capítulo investigo o corpo, procuro, a partir de uma gama de pesquisadoras sobre corporeidade, traçar, ou ao menos nortear, um caminho para um método de criação através da memória corporal, respeitando e acionando toda a subjetividade que isso engloba. Subjetividade essa que reconhece o corpo sendo memória viva e fresca, tempo encarnado, ternura e mistério. Como é acionar a memória no corpo? Como isso acontece e através de que? Como incorporar o invisível? São perguntas que movem a matriz de investigação.

Unir o invisível ao nosso cotidiano, ao fazer, pensar e descobrir teatro. Experenciar o reconhecimento de nossas memórias antigas e atuais, e, brincar. Na amplitude que é o corpo, a invenção e reinvenção de nosso povo e ofício. Um convite a esse refúgio de lama.

1. TEMPO-QUINTAL E AS MEMÓRIAS DE CRIANÇA NO COMEÇO DO MUNDO

Lembro-me de quando era menino – morava em uma fazenda: você sai de casa e tudo é novo, percebe que a primavera chegou, o mundo é leve, o mundo é um milagre e você sente que pertence a ele, que é parte dele. E ao mesmo tempo você é ninguém, e desse ser ninguém, como uma gaiola que se rompe, uma alegria é percebida. Aquele senhor polonês nos lançou um desafio: Cantem, pode acontecer alguma coisa? Através dele e destes cantos, descobrimos uma possibilidade? Talvez, pequena: alguma coisa, através do trabalho com esses cantos, pode acontecer. É como se, de repente, revisse aquelas luzes, aquelas cores daquela manhã – eu, ninguém: uma gaiola que se abre por um momento. Naquele momento, alguma coisa funciona de novo e de novo: “Olha, é um milagre. Esse mundo é leve e eu sou parte de tudo isso”. E depois, talvez ainda um pouco mais acima: “Esse mundo é um milagre. Eu quem?” Depois acaba e às vezes permanece em você e contigo como uma ressonância. Você não está melhor do que antes, só tentou voltar para casa.

Mario Biagini

Criança é início, faísca, nova, ar fresco... É encanto, invento, canto, riso...Tudo. Nadinha. É rabisco. A criança no começo do mundo é quem? Ora... só pode ser eu... ou tu. Se só quem escreve sou eu, e só quem me lê é você... Então a criança do início do mundo só pode ser uma de nós ou nós duas² juntas. Compreende? Meu começo de mundo era espaçoso, tinha cheiro de água fresca... Olhar pelo portão dele era ver uma rua longa, longuíssima... longe... sem fim... Acho que aquela rua nunca teria fim, de tão grande que era. Minha casa era sem fim também, enorme, minha vó era a única vó existente no meu começo de mundo... Ela era sem fim também... Mamãe então, nunca consegui ver seu final. O mundo da criança que é início não tem fim, ele é enorme, único e precioso. Por isso que, volto a reforçar, ou essa criança sou eu... ou você.

² Faço o adendo de que escreverei no feminino universal por um sentido íntimo, político e congruente comigo mesma. Acredito na micropolítica de nossas intenções e gestos, e nas transgressões que transformam e inquietam nossos sentidos mais enraizados, por isso escrevo no feminino. Escrevo por me sentir incomodada com um masculino universal, e entender que minha transgressão ao tomar essa postura abre portas, nunca as fecha.

Eu costumava passar horas montando grandes cidades de brinquedo, encontrava os brinquedos às vezes na dispensa de casa: As pequenas latinhas de alimentos em conserva, caixas de amido de milho, garrafinhas e potes. Outros no meio da rua, eram peninhas, pedras, folhas, arames, copos, fios... Latas de leite viravam casinhas, as bonecas faziam batismo, carrinhos voavam em uma facilidade tão real quanto meu poder de acreditar. *Eu nunca fui uma folha em branco e sempre soube disso.* Hoje em dia reconheço a importância dessa percepção enquanto ser, por a partir disso me ver muito curiosa com relação às *memórias das coisas, da gente e de mim.* Por reconhecer que essas brincadeiras, enquanto criança que não via fim nas coisas, não dava também fim a uma capacidade imaginativa e criativa para minha criação de mundo interna e externa. Vou reconhecer e trabalhar com essa imaginação e poder de inventividade anos depois, quando decido ingressar em Artes Cênicas e ocupar meu lugar enquanto artista.

Tem criança que nasce encantada, outras curiosas, tem as engenhosas, as abertas, as velhas, as que transformam a família toda... Criança é agente de si mesma e do mundo. Criança sabe que brincar é ela. Que brincar é sério e alegre. Eu mesma pulava corda nos dias que queria crescer mais rápido, meu movimento era pra cima, pro céu. Entrava nos carrinhos de rolimã, ou deslizava em tábuas de madeira morro abaixo, quando queria sentir o vento embalando meus cabelos, queria sentir o mover - correr no tempo, na rua, na grama, na terra, na vida. Quando inventava minhas comidas de terra, a terra mais escura era o bolinho, eu a achava quando cavava, a mais clara era o açúcar que confeitava, ficava por cima, vovó chamava de açúcrinha - já tinha visto minhas tias fazerem bolo, tinha um açúcar mais fininho, tipo um pózinho, diferente dos cristais, elas usavam ele na cozinha. Eu imitava elas no parquinho. Botava uma flor pra decorar. Bonito. Gostava quando eram as rosas do quintal da minha vó, ela não gostava muito que eu as tirasse, mas eu sinceramente achava uma realidade muito genuína para as rosas. Elas serviam muito bem pra enfeitar meus bolos de areia ou como um bom ingrediente para poções, como perfumes e águas coloridas, que tinham o poder de deixar mais bonita a pessoa que as tomasse ou então a pessoa também poderia se transformar em uma borboleta –

dependia do desejo da própria pessoa ao tomar. Acho o brincar tão íntegro, tão inteiro, que me disponho a visitar as memórias de quando descobri me expressar pela brincadeira. Brincar é a palavra no meu começo de mundo. Inventar são as memórias.

O tempo parava ali no quintal de cimento batido bem fresquinho, como um menino que brincava junto de mim. Meu mundo começa assim: Eu e o tempo brincando como companheiras astutas, lado a lado. Meu corpo é um lugar muito generoso comigo por ele ainda me possibilitar acessar essas memórias de quando o tempo congelou pelas primeiras vezes nessa existência, inclusive, ele me dá oportunidade de escrever sobre isso agora e compartilhar com quem me lê. Chamo de “congelar” a sensação que é brincar com o tempo, sem contá-lo, sem ter pressa pra que ele vá embora. ESTÁTUA! Às vezes congelar se torna a sensação do tempo diferente, como quando usufruímos tanto do aqui e agora que nem percebemos que ele já se foi. As brincadeiras nas ruas e nos quintais das casas que brinquei, de parentes, de amigas, espaços abertos a minha criança, tinham esse congelar, traziam o Tempo-Quintal preenchendo os ares que ecoavam os gritos, as risadas e as cantigas... O Tempo-Quintal dilata o instante, percebemos as cores mais vivas, as palavras mais inteiras, olhamos a trilha que fazem as formigas e percebemos que elas mexem as anteninhas quando param uma na frente da outra... É paradoxal: quanto mais se dilata o instante, mais o tempo cronológico passa rápido. O tempo de *Chrónos* é pequenino dentro do Tempo-Quintal.

Chrónos vem trazendo o tempo sucessivo, o movimento numerado, passado-presente-futuro, é cronológico. Segundos, minutos, horas, dias, um depois do outro, sem retornos, apenas avanços. Solar e marciano. Tempo que come tempo, tão necessário quanto as outras temporalidades para o entendimento das nossas subjetividades. O Tempo-Quintal está relacionado a outra forma de tempo, o *Aión*. O tempo aiónico é o tempo da criança, porque a infância não abarca só o tempo cronológico, ela também está no campo da experiência, do experimentar, do descobrir, do autêntico, do inventar. É necessário ampliar os horizontes da temporalidade com as pessoas que brincam, somente esse tempo sucessivo não as abarcam em totalidade. Uso o

Tempo-Quintal por ser o movimento temporal que advém da minha criança, e por me reconhecer enquanto criadora nesse lugar, essa outra temporalidade que carrega a criança existe, é a aiónica. Segundo Walter Kohan, “(...) é *Aión* que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva” (2004, p.2) É perceber que o tempo da criança não é numerado, ele é expansivo, intenso e profundo. *Aión* é uma criança que brinca nos quintais, nos terreiros, nos jardins, nos parques, e se faz brincar inclusive em espaços onde a brincadeira não é reconhecida, porque esse tempo aiónico faz parte da expressão da sua individualidade, é descobrir-se enquanto criadora de realidades e formadora de mundos, é inventar-se pela primeira e última vez a todo instante de *aión*. “(...) Se uma lógica temporal segue os números, a outra brinca com os números”. (KOHAN, 2004, p.4)

Lembro de Maria Amélia Soares, pedagoga e defensora do brincar, quando fala no documentário *Tarja Branca*³ que “(...) Brincar é usar o fio de vida inteiro de cada ser”. Essa frase única me atravessa os sentidos desde a primeira vez que a ouvi, porque, de fato, brincar pra mim se tornou a ação de exercermos nossa individualidade. Me recordo de, junto com outras crianças, construirmos nossos brinquedos com qualquer coisa que pudesse ser imaginada, coisas visíveis ou invisíveis, das máquinas do tempo (que agora penso ser a materialização de *aión*, Tempo-Quintal encarnado) com papelão e papel alumínio, dos bolos de terra onde o parquinho virava confeitaria, das diversas personas transformadas nos corpos daquelas crianças que só exerciam seu poder de brincar. De tudo ser grande, imenso, para olhos tão pequenos quanto os que eu possuía. Minha primeira casa, por exemplo, era um palácio. Manoel de Barros vem, na sua preciosidade, num livro muito curioso de título *Memórias Inventadas, a infância* e quando o descubro, me brilha os olhos, por perceber os encontros formados pela meninice. Escrevo aqui parte da penúltima poesia, memória XIV, de nome *Achadouros*:

³ *Tarja Branca* é um documentário que fala sobre o brincar fazendo um corajoso elogio a revolução que falta acontecer: a da criança! É dirigido por Cacau Rhoden, de 2014.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (...) Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. (BARROS, 2013, p.67)

Hoje em dia, depois de um corpo um pouco maior que o antigo da minha criança, reivindico seu poder de criação... Me encontro como Manoel, uma caçadora da infância, tentando resgatar e acessar os tempos congelados, quintais, onde meu fio de vida inteiro se esticava sobre mim, com as crianças na frente e dos lados. E, para além, uma corporificadora desses instantes no/com meu corpo atual, é o acesso a partir do meu corpo a outros corpos guardados nele mesmo. É inventar e brincar com memórias. “Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem compartimentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.” (Manoel de Barros, 2006, p.6)



Figura 2 - Liniers Fellini. Me vendo em Enriqueta, menina personagem dessa tirinha, observando o todo que me ronda. Penso que o congelar, que cito acima, deve significar: parar no tempo, com o tempo, e contemplar.

Lembro de uma memória: Sentei na beira da roda onde ensaio com Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro⁴, como atriz brincante. Uma roda pintada no chão

⁴ Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro é um grupo brasiliense de Invenção Cultural, com raiz na cultura popular, trabalha com o Teatro de Terreiro em suas rodas de apresentação. É criador do “Mito do Calango Voador”, que explica como surgiram as figuras e a cidade de Brasília. Grupo do qual faço parte como figureira, que são pessoas que trazem as figuras corporificadas em suas rodas. Grupo que possibilita me reinventar

com um azul anil. Abraço e encosto os joelhos rente ao peito, que servem como um apoio pro queixo, e olho pra cima. Vejo: A árvore que acompanha todos os nossos ensaios e rodas, guardiã do nosso espaço, carinhosamente eu a imagino como um menino que brinca junto da gente de outras formas. Irôko, mestre do tempo. Vejo fitas de cetim coloridas penduradas no jardim, onde a árvore-menino cresceu, e em torno de toda a casa... Cata-vento, uma cabaça... As sombras das fitas dançando no chão por um vento fresco que soprou naquela hora no meio da tarde. Os passarinhos conversavam uns com os outros. Depois silêncio.

Quase consigo me olhar de fora... Criança da beira da roda, mas no centro do mundo... Ali, nenhum mal chegaria até mim, o umbigo do mundo me protegia. Me sinto imensa por olhar o mundo imenso... É Tempo-Quintal, tempo de Irôko, tempo Aión...

Penso que quem parou no tempo fui eu, ali, naqueles inúmeros momentos que percorrem toda minha infância, quando meu fio de vida se alinhava **através** do barquinho que navegava em alto mar no tanque de lavar roupa. Parada no tempo⁵, inventando o tempo de quintal, que é aquele tempo-menino que brinca junto, joga bola, solta pipa, torna o invisível visível, mas no final das contas ninguém o vê, eu pude brincar. O tempo é o menino presepeiro que brinca junto de mim e meu primeiro teatro foi meu quintal. Tantos tempos cabem no tempo, tempo que corre ao mesmo tempo...

Compreendi, pequenina, que brincar é criar. Inventar. Dar sentido. Teatro, hoje e pra mim, é produzir contradições que dão sentido. Me vejo mais contraditória a verdadeiramente coesa ultimamente, e acredito ser importante estar assim. Produzir teatro enquanto movimento, movimento que vem com contradição é tirar a carapaça do velho, abrindo espaço pra criança que é nova... Sabida. Meu fazer teatral é intrinsecamente ligado à minha criança por entender que quando eu brincava e brinco, estou fazendo teatro.

todos os dias, lugar da encantaria e do sonhoso. Lugar que me organiza de dentro pra fora. (<https://seuestrelo.wordpress.com/about/>)

⁵ “parada no tempo” é exatamente a sensação de quietude e movimento que tento aqui descrever significando o tempo-quintal, é um *slow motion* brincante.

Às vezes parece que o tempo estica tanto que cada segundo é imensidão, diferente daquele que aposta corrida. Cada segundo é imenso, precioso no aqui e no agora. Esse tempo menino se dispôs a mim, por inteiro, pra que eu e ele corrêssemos lado a lado, e pra que eu pudesse expor minhas fragilidades de criança através dele, minha descoberta dos mundos que crio e que vivo, que me comunicasse com gestos, palavras, gaguejos - dançando, dizendo e vendo, resgatando o humano da minha gente. Meus ossos cresceram e eu descobri que brincar também é coisa de gente mais espichada.

1.1 A BRINCADEIRA QUE TEM TODO O MISTÉRIO DO MUNDO

Passa o Tempo-Quintal... Eterniza no instante... Grava na memória... Por onde andam nossas crianças e nossos mistérios profundos? Onde ficam as fagulhas internas que trazem a sagacidade do brincar? Encontro. Está numa casa pequena no cerrado, lugar onde faz do seu teatro sua trincheira e de seu terreiro sua casa.

Essa casa é Seu Estrelo, descubro que ali a brincadeira cumpre a função de servir e conectar, orando aos povos encantados, pulando e dançando para eles, para o povo que vive aqui e para os que já se foram. Entendo o papel generoso que nosso ofício exerce em comunidade. Tomo Seu Estrelo como exemplo para com essa “poesia no espaço”, citada acima, que desperta os sentidos quando compartilhada. A começar pelo próprio espaço, físico: Uma casinha⁷ pequena com quintal coberto por uma lona quase de circo senão fosse preta. As fitas de cetim são penduradas ao redor de toda a casa, elas lembram fitas de terreiro de Candomblé, mas são, na verdade, fitas para Mariazia⁸. Ela que cuida dos ventos, é responsável por levar recados de amor através dele. Se acredita que quando o vento bate na casinha e as fitas dançam, Mariazia ali está, transportando seus recados de amor e cuidando do espaço. Entre as paredes, descubro desenhos,

⁷ Casinha é, por sinal, o nome carinhoso como o espaço de Seu Estrelo é chamado.

⁸ Mariazia é uma figura encantada que é criada em Seu Estrelo, cuida do amor e dos corações apaixonados.

sempre aos cantinhos nos rodapés. São pontos riscados. Cada figura tem seu símbolo, cada símbolo sua egrégora e, assim, a cada egrégora mais uma proteção para a casinha. Os pontos riscados são feitos para evocação das figuras daquele terreiro, pra que através do símbolo ela saiba sempre o caminho de ida e volta. Símbolos geralmente são representações daquela energia que quer ser materializada, em Seu Estrelo cada símbolo traz características da figura que é dona desse símbolo.

Seu Estrelo possui uma roda azul no centro de seu terreiro, que é local das suas apresentações na maioria das vezes, Tico⁹ me ensina que a roda, esse símbolo ancestral de comunhão, é um local de desdobramento, ali é “o umbigo do mundo”, e quando entramos na roda ele se ascende, se conecta com todos os outros terreiros. Por isso que quando nós ascendemos nosso terreiro, todos os outros estão acesos também e vice-versa. Isso torna nossa roda um local sagrado, onde é possível e necessário se reinventar, encontrar figuras das mais variadas formas e trejeitos, pois é permitido e necessário ser assim. Lugar de comunicação com o mundo e com o olhar da criança - aonde a vida era mais cheia de enigmas e mistérios. Saudamos a roda todas as vezes que entramos, pois assim ela se torna sagrada. Acreditamos que ela é - assim como acredito que as grandes cidades que eu me debruçava em construir quando criança eram reais e vivas.

⁹ Tico é Rodrigo Magalhães, Capitão do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, batuqueiro, figureiro com o “Capitão Sebastião”, figura que geralmente faz a ponte entre a Celestina (mundo dos encantados) com o nosso, e inventor. Salve Tico e sua generosidade em acolher essa guerra diária!



Figura 3 – Mulher Barbada, recebida por mim, no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: A Quarta Roda ou O Amor é Rio Sem Margem. Outubro, 2017. Olhar de Leonardo Pacheco. Esse olhar que traz o brilho das estrelas: Assim que eu me sentia e estava nessa época, embebida de encantaria, curiosa e empenhada a descobrir. Agradeço imensamente a essa figura por tudo o que ela me ensinou e trouxe.

Estou em Seu Estrelo, como figureira¹⁰, há um ano e alguns meses. Ali eu encontro a fusão da minha criação artística com interesses pessoais e visões de mundo. O Tempo-Quintal mora em Seu Estrelo, a começar pela tamanha árvore de jenipapo que tem no quintal de nossa casinha. Assim como Seu Estrelo, o menino presepeiro e corajoso que se sacrificou pela reinvenção do mundo, nasce de dentro de uma Barriguda¹¹, acredito que o Tempo-Quintal mora dentro da árvore de jenipapo. E, pra mim, ele realmente mora. E essa é a graça. Quando eu crio, as transformações me acompanham e se tornam legítimas pra mim. A invenção é algo totalmente legítimo, porque ela não é mentira, é criação. É ver o mundo de vários pontos de vista.... Acho curioso me indagar no início

¹⁰ Figureira é quem, na roda, bota as figuras. É quem atua dentro da roda.

¹¹ Barriguda é uma árvore que tem uma protuberância no seu tronco. No Mito do Calango Voador, Seu Estrelo é gestado por essa árvore, pois através desse alto relevo a árvore parece estar grávida. Aqui (<https://seuestrelo.wordpress.com/2012/03/12/477/>) podemos encontrar o Mito em três partes.

desta monografia sobre como às vezes sentia que alguns espaços eram preenchidos de outros espaços, algo que cito na introdução desta pesquisa¹², quando falo desse ambiente que se transformava pelo tempo e espaço; minha investigação foi e é compreender mais como se dá esse funcionamento. Encontro Seu Estrelo tempos depois. Eu sinto esse espaço dilatado, profundamente, existe uma inventividade dentro do tempo, um ponto de vista no presente que o torna também passado. E, por isso, trago aqui que Seu Estrelo possui a simplicidade de guardar todos os mistérios do mundo, desde quando as figuras entram na roda e saúdam o batuque para receber seu asê até nossa reza¹³ para juntar os mundos.

Quando entrei em Seu Estrelo, como figureira, o grupo realizava A Quarta Roda ou o Amor é Rio Sem Margem, espetáculo que trocou praticamente todo o elenco quando entrei. Ensaiávamos duas vezes por semana, quatro horas. Encontro uma figura chamada “Mulher Barbada” e até hoje quem a coloca na roda sou eu. Nosso processo criativo funciona rodando as figuras, ou seja, todas colocamos todas as figuras, cada uma com a sua brincadeira, com seu olhar, com suas memórias e histórias. Mais tarde no processo decidimos quem colocará qual. Trabalhamos com muito improviso, o texto vai se construindo assim, e de modo coletivo com cada figura, pois todas participam do seu processo de criação. Colocar as figuras é um processo muito parecido com uma construção de personagem, afinal, é. Todavia, sinto que compartilham de um mesmo lugar de criação, mas por vias diferentes – que acredito não ser meu objetivo entrar nessas questões aqui, mas sim relacionar minha vivência dentro dessas duas formas de se criar. Assim como em uma construção de personagem, o que nos dispara para criar uma figura é seu desejo de dizer o que ainda não foi dito, às vezes em lugar nenhum, às vezes sob outro ponto de vista. A Mulher Barbada guarda todos os mistérios do mundo embaixo de seu véu, é uma cigana, encantada, promíscua e generosa. Ela ouve os causos sujos

¹² Página 10

¹³ “Eu peço agora permissão para as estrelas, para a lua que o céu enfeita, pra mata poder voar. Peço a Laiá o cantar de sua sereia, pra acabar com o que me aperreia quando o samba começar. Eu peço agora permissão para as estrelas, para a lua que o céu enfeita, pra mata poder voar, mando chamar Seu Estrelo e o meu Fuá, pra na roda se apresentar, pra começar a brincadeira...”

de todas as pessoas, sabe que os segredos do mundo são muitas vezes sombras. Mulher Barbada é o oculto, o pó, o escondido, o desejo, a caverna, o enfeite, o brilho, a dança e a vontade. Encontro uma risada escandalosa, ela me leva até Barbada, conecta nossas energias e corpos. Acho a memória. Encontro também dedos tencionados... mão de quem lê baralhos. Ela me faz entrar em contato, até hoje, com os mistérios que nos percorre. Presentear os mistérios - dispor de tempo. Sem segredo nenhum, mas com todo o mistério do mundo.



Figura 4 – Mulher Barbada, recebida por mim, no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: A Quarta Roda ou O Amor é Rio Sem Margem. Outubro, 2017. Olhar de Leonardo Pacheco.

1.2 VERBO MENINAR: PIPA QUE VOA COM FIO DE VIDA

Lembra o tempo
que você sentia
e sentir
era a forma mais sábia
de saber
e você nem sabia?
Alice Ruiz

O brincar como ato de conexão, consigo e com outrem, como expressão do que se é, como unidade de corpo e psiquê, como expansão de consciência, como criação de um vínculo de si no mundo, como ato de rebelião, como re-educação: forma de aprendizado e de formação intelectual, emocional e social, como ferramenta autêntica criativa, como forma de reinvenção e criação. Desde o brincar pelo brincar até a brincadeira como forma de expressão. É a linguagem do espontâneo, do instante, da liberdade de tempo, espaço e criação - para a criação de um novo tempo e espaço. É fusão de mundos. É onde a imaginação ganha terreno e concretiza mundos e relações, e acaba por organizar nossa vida cotidiana fora da brincadeira. É preciso reaprender a dimensão do humano! Meninar: soltar as meninas para a reinvenção de um mundo onde elas sejam pertencentes em todas as esferas de suas subjetividades.

A brincadeira me possibilitou conhecer o movimento genuíno, autônomo e, por isso, único, individual e intransferível. A estrutura do brincar existe em infinitudes, porque o impossível é visto como caminho – e não como fim. Independente da estrutura que brincar proponha, o seu fazer dentro dela será seu, e só você sabe fazê-lo. Por isso também percebo que a brincadeira é um movimento de descobertas individuais. Para que se use seu fio de vida inteiro, é preciso percebê-lo. Depois de certificado sua existência, que o observemos minuciosamente, atentas aos ouvidos e a escuta para o que ele diz, se coloque sobre uma superfície confortável e brinque junto dele imensamente. Faça o que

ele pede e acesse os lugares que ele propõe te levar. Sobre fios de vida, trago Milton Nascimento¹⁴:

alma, vai
além de tudo
o que o nosso mundo
ousa perceber
casa cheia de coragem,
vida
todo o afeto que
há no meu ser
te quero **ver**
te quero **ser**

alma

(Milton Nascimento em
composição de "Anima",
1982/Ariola)

Procuro através do brincar a linguagem dos sentidos, do poético. Pois é essa a via de acesso que me atrai ao fazer teatral. Compreendi que esse ofício quando embebido de expressar capacidades de sentir¹⁵ tem a potência de uma revolução, e enquanto alguém sentir, haverá um lugar pra quem se emocione. Como quando vou a um terreiro e sinto que ali encontro o Tempo-Quintal. Ele aparece quando o tempo se torna atemporal, quando existe um entendimento de que categorizamos o tempo em segundos, horas e minutos, mas ele não é só

¹⁴ (<https://www.youtube.com/watch?v=7NasUtGMaY8>) Relaciono essa composição de Milton com esse fio de vida, que pra mim embora tenham nomes diferentes parecem vir do mesmo lugar. Fio de vida, portanto, seria essa "alma" que Milton traz na música "Anima".

¹⁵ Me indago sobre essa expressão, capacidades de sentir, e pesquiso. Acho a palavra "Senciente", e recorro ao Aurélio, que me dá o significado de "1- Que sente. 2- Que tem sensações ou impressões." Penso que pode vir de "ciente dos sentidos", a capacidade de sentir como a dimensão humana que nos dá acesso a infinitudes dentro de experiências e histórias, suas ressignificações, memórias e sentidos.

finito. Ele é longo, eterno e nós o atravessamos, brincamos com ele, vivemos dentro dele. Acredito que meu fascínio pela memória seja reconhecer o tempo dentro de nós, ser-estando ao infinito, e por vezes se mostrando como o menino tempo que brinca e se diverte *através de mim* também. Os sentidos se tornam evidentes para si e conseqüentemente para todas que estão ali presenciando o fazer, tem algo novo no campo sutil que comunica e nos integra, e assim acredito que o tempo dos segundos-minutos-horas, Chronos, se transforma, abre espaço por entre os paradigmas e cria paradoxos, corta a fenda das certezas pela inocência em acreditar e realiza a magia. Assim como traz Artaud em *O Teatro e Seu Duplo*:

Essa linguagem feita para os sentidos deve antes de mais nada tratar de satisfazê-los. Isso não a impede de em seguida desenvolver todas as suas conseqüências intelectuais em todos os planos possíveis e em todas as direções. E isso permite a substituição da poesia da linguagem por uma poesia no espaço que se resolverá exatamente naquele domínio das coisas que não pertencem estritamente às palavras. (ARTAUD, 1938, p.52 - meus grifos)

O brincar tem uma íntima ligação com a poesia. E a poesia uma íntima relação com o ser humano. E o fazer teatral com todos. Àquela que esquece de si mesma, o teatro pode recordar. Escrevo “pode”, pois, o teatro parece ser uma ferramenta para o lembrar, mas às vezes penso que ele não só pode, como deve recordar. O teatro que recorda é esse que lembra da poesia de nós mesmas, e quando pontuo aqui “poesia”, quero dizer transformação, reconhecimento, suor, riso, beleza, inquietude, provocação, lembranças, desfechos, inícios... Gente. Quero dizer gente. E gente é tudo isso. Reconhecer poesia é falar de gente, da gente, com a gente, para a gente, ser agente e a gente. Falar de gente é falar de si. Não num sentido egocêntrico, mas entendendo que si guarda muitas. Muitos. Centenas. Milhares. Se perceber somente uma pode ser minimamente colocar em risco nossa subjetividade de possuir muitos corpos, de ser muita gente.

Tatiana Motta Lima, atriz e professora do Departamento de Interpretação e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO, refletindo sobre essa subjetividade, a partir da noção de memória de Grotowski, traz:

“É na relação, no entre, nas passagens, naquilo que, como as estações, se transforma, naquilo que está em movimento, em dinamismo, é enfim nesse ‘nãolugar’ que se ‘volta para casa’, que ‘se relembra’.” (2010, p.167)

Penso que essas indagações que fazemos de nós mesmas, quebrando paradigmas e criando mais dúvidas sobre nós, deve ao menos criar uma realidade um pouco mais ampla sobre quem somos. Sobre onde está e onde achar nosso fio de vida. Sobre não ter a certeza de ser uma, mas se desafiar em encontrar muitas... e pontuo: sem esforço. É firmado no sentir e expressar. É voltar pra casa, lembrar através das memórias que traz aqui e agora um passado inexistente no Tempo-Quintal, pois ele não *possui* passado, é passado. Aprofundarei mais tarde. (LIMA, 2010, p. 162, minha mudança de gênero no grifo): “(...) não se tratava de debruçar-se sobre uma qualquer memória que fosse importante para a atriz, mas de tocar uma certa qualidade de memória capaz de lembrar/criar uma outra percepção de/do si mesmo.” E o que é memória senão percepções de nós mesmas? Fica ecoando em mim assim: tocar memória tocar memória tocar memória tocar memória tocar memória tocar memória... Tocar memória é Inventar.

2. OS LAMPEJOS DA MEMÓRIA QUE ACORDA: MINHAS VOLTAS PRA CASA

Este corpo de lama que tu vê
É apenas a imagem que sou
Este corpo de lama que tu vê
É apenas a imagem que é tu

Chico Science & Nação Zumbi

Acordar a memória parece ser um despertar. Em processos criativos encontrei esse despertar de algumas formas. Buscar o que está embaixo do corpo, embaixo da palavra, embaixo da lama... *Corpo embaixo do corpo*. Aqui tratarei de dois processos criativos, um na Universidade e outro fora dela, no cruzamento de informações e reverberações que ambos têm em mim, na memória que evoco de um para o outro que aconteceu anos depois. Sigamos.

Fiz parte, em dois momentos da minha graduação - no início e no meio, do projeto de extensão NUTRA - Núcleo de Trabalho do Ator, ministrado por Paula Sallas e João Porto. Percebo que nessa prática começo a entrar em contato com o que vai me inaugurar e instigar a pesquisar sobre a memória, brincadeira, o visível e o invisível, agora ao final da graduação. No NUTRA nós trabalhávamos com a exaustão, o grupo se inspira e usa métodos do LUME¹⁶ em suas práticas. A exaustão se dava começando por um acordar do corpo, no chão esticávamos nossas cartilagens, músculos e espreguiçávamos. Alongávamos todas as partes, do rosto aos pés. Esse movimento ia se tornando

¹⁶ LUME é o núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais, feito de pesquisadoras e atrizes, que teve origem com Luís Otávio Burnier surgido na UNICAMP. (<http://www.lumeteatro.com.br/>)

dinâmico e constante, e a partir do momento que o primeiro músculo se mexia não podíamos mais parar, até que alcançávamos um plano alto e continuávamos nesse movimentar. Trabalhávamos com intensidades de movimentos e alternância de velocidades. A constante do movimento ia pra dentro do corpo, e entrávamos numa constância criativa. Na primeira vez que tive contato, no meu primeiro semestre de graduação, o NUTRA me mostrou potências físicas que meu corpo poderia proporcionar e ser. Me recordo do grande salto que dei em repertório corporal, transcrito em movimentos, gestos, olhares, ações, palavras, estados, danças e corporeidades que pude descobrir e presenciar. Potencializou minha prática como atriz e pesquisadora proporcionando referências e sentidos para o fazer teatral logo nesse início de caminhada, sendo tão essencial, pois percebo que às vezes é nesse momento que construímos nossa base. Fazíamos a “Dança dos Ventos”, aprendo pela primeira vez o “Cavalo Marinho”, esses eram os exercícios de condução para a exaustão, que vinha ao meio, e para o fechamento dela. Acompanho a tonificação que meus músculos realizam, o preparo, o acordar. Esse primeiro contato foi uma abertura de olhar, um despertar. Redescubro meu corpo.

No segundo momento que volto ao NUTRA, no meio da graduação, já tenho um arsenal maior de experiências, já começo a traçar desejos e objetivos com minha prática. Sou marcada por esse segundo momento, talvez por estar um pouco mais alinhada comigo em comparação com o primeiro, com objetivos um pouco mais delineados. Encontro, pela primeira vez, de forma mais incorporada, “as coisas que não pertencem estritamente as palavras”, como nesse trecho que cito de Artaud acima¹⁷, sinto essa “poesia no espaço”. Lembro de falarmos sobre “o *debaixo* das palavras”, percepção que me inquietou durante boa parte do processo. Acredito que o *debaixo das palavras* traz a noção da poesia que se instaura espacialmente, mexe com o sutil, com o oculto, faz manifestar a compreensão das coisas que não são ditas. Por isso entendo a palavra, quando vinda do silêncio, sendo realizadora de mundos. Com isso quero dizer que ela, palavra, se torna inteira, necessária e preenchida. Ela é

¹⁷ Página 27

catalizadora de energias, nós evocamos através da palavra. Ao entrar em nosso espaço de ensaio, do começo ao fim, só falávamos o necessário, e percebo que principalmente depois da nossa prática de exaustão, o que era dito era cuidadoso e real para nós mesmas.

Observo que o trabalho de exaustão fazia com que nossos corpos se “abrissem”, e peço perdão, pois não sei ainda explicar de outra forma. Escrevo aqui sobre a poesia que nosso corpo pode exercer, as memórias que ele pode acessar em escalas de tempo, logo, me justifico defendendo que só o sei fazer por uma via poética - justamente por entender que o *debaixo das coisas* não é cheio de paradigmas, ele é paradoxal assim como a poesia. Senti corpos como se fossem formados por camadas, há cada dia tirávamos uma, encontrando entre elas preciosas informações sobre quem éramos. Pérolas entre as camadas. Por isso o cuidado, por isso a afinação de discurso, desejos, ações e olhares, ali era um espaço de descobertas individuais. Quando estávamos no meio do nosso processo, já tínhamos a mínima consciência dos métodos e exercícios e sabíamos conduzi-los com autonomia. João e Paula observavam, com olhares afiados, quando de repente algo acontecia. Usávamos a palavra “acontecer” quando, de fato, algo acontecia nos puxando para dentro da ação feita. Quando acontecia todas nós percebíamos se estivéssemos atentas. Uma a uma entrava no espaço, fazíamos a exaustão, e a partir dela deslanchávamos em uma catarse de nosso material criativo. Com o tempo fomos selecionando esses materiais afim de “entrar” e “sair” deles, os conhecendo cada vez mais. Essa era a proposta.

Geralmente quem entrava no espaço puxava uma música, músicas eram compartilhadas desde o início do processo e, nesse momento que estou citando, já eram conhecidas por todas - acho precioso pontuar em como essas músicas também eram compartilhadas em campos sutis. Quem estava de fora, poderia acompanhar quem cantava dentro - me refiro a dentro e fora do próprio espaço de experimentação e trabalho, mas também dentro e fora dos acontecimentos, arrisco escrever que praticamente todas as vezes alguém puxava dentro havia alguém de fora com vontade de cantar a mesma música. Tiveram dias que todas

cantaram a mesma música, ao mesmo tempo, sem combinar. O silêncio se instaurava antes e após as músicas, o *debaixo* era acionado e nós nos conectávamos. Cantávamos até perceber que tinha se findado o canto. Entraram algumas pessoas no espaço até que senti de entrar também. Comecei minha exaustão - sempre descobria uma forma ou um gesto novo ao fazê-la, e com pouco tempo de exaustão percebi que tinha alcançado o estado, ligado o corpo. No processo de exaustão, começamos a reconhecer um estado que o corpo entra quando liga, como se tirássemos as camadas que não nos interessam, o superficial, limpássemos o corpo da sujeira que acumulamos cotidianamente, e encontrássemos o corpo vivo, fresco, pronto.

Eu ligo. Percebo a entrada de todas. Começo a encontrar as duas figuras que trabalhei na época, estando no NUTRA, e ainda reverberam no meu corpo até hoje – anos depois, sei onde encontra-las: Um manco de olho esbugalhado, que chamei de Pernetá, e uma velha senhora, que só me mostrou onde ela morava em corporeidade, me trazendo tantas sensações antigas, e logo se foi. Escrevo sobre esse dia específico de ensaio, pois foi o primeiro dia que essa senhora apareceu. E relatar isso me interessa para minha escrita mais adiante. Eu encontrava/encontro com Pernetá ficando na ponta dos pés, porque quando caio com os dois pés no chão novamente acredito que um se quebra, e então ele fica manco. Pois bem, termino a exaustão e começo a procurar Pernetá, em uma de minhas quedas meu corpo se curva, minha coluna e os joelhos dobram, encontro essa senhora. O andar bem devagar, corpo cansado, olhar no chão e por vezes fitando um horizonte bem abaixo do que seria o meu de Tainá.

Entra o Tempo-Quintal, congelo esse momento e nele observo atentamente **tudo**. O suor na ponta do meu nariz perigando pingar, pingou, círculo de suor no chão. Clarice César, companheira que também brinca nesse grupo de extensão, na minha frente, sinto que estávamos juntas em algum lugar, o espaço parece que já não tem tanta gente dentro, algumas pessoas parecem ter saído. Não procuro olhar, nem me preocupa de estarem saindo, só sinto. Alguém de fora puxa uma música de Oxum “Oro mi má/Oro mi maió/Oro mi maió/Yabado oyeyeo... aiai oxum...” A velha anda dois passos devagarinho. Silêncio. Percebo

Clarice. Clarice sai. Se projeta uma imagem na minha mente: Um paninho de renda branca no chão, no meio uma pérola solta. A velha vai no chão pegar, sinto minha coluna deslocar, meus joelhos dobram, projeto um pouco o quadril pra cima, a mãozinha vai *embaixo* pra pegar, tão *embaixo*, *embaixo* longe, tanto... *Embaixo das palavras*... Pega o paninho, cuidado com o paninho... vai cair a pérola... ó, fia... deixa não... é precioso... panim feito com um capricho danado... te dizê que é panim pra fia guardar no peito... chamá a véia quando fô de necessidade... é só lembra do panim que eu venho... panim limpa o suó... Enfio dentro da camiseta, levanto. Tainá. Eu estava sozinha dentro, eu dando espaço pra véia, a véia dando espaço pra mim. Relação.

E então, memória se aciona, corpo guarda o lampejo. E quase como numa ressonância despejo: a natureza dual.

2.2 A NATUREZA DUAL: SER VELHA ENQUANTO CRIANÇA



Figura 5 - Inocência, enquanto a velha cuidadora das crianças, no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: Trincheira ou Poeira é Vestido de Vento. Setembro, 2018.

Escrevo depois de uma estreia, meu corpo ainda se encontra num estado de poesia, há duas horas atrás eu estava parindo uma nova roda em Seu Estrelo, a Quinta, de nome: A Trincheira ou Poeira é Vestido de Vento. Sinto, nos dois dias que apresentamos, meu corpo ser atravessado, como se a figura que botei passasse na minha frente... Boto na roda uma figura chamada Inocência¹⁹, e percebo ela levando o público até sua casa, mostrando seus gostos, contando suas histórias, como velhas companheiras. Inocência vem até mim num debruçar de janela, com a tarde caindo tranquila, olhando o mundo de longe e dentro dele - como naquela memória que tive sentada na beira da roda de Seu Estrelo. Explico. No processo de criação da Quinta Roda, procurávamos uma figura que pudesse inventar que tudo fosse possível, ela brincaria no impossível. No início pensamos em uma figura chamada “Mané Faz de Conta”, ela tudo poderia criar fazendo de conta que era possível só fazendo de conta, inclusive se transformar em outras figuras - até mesmo em objetos. Eis que, embebida desse universo,

¹⁹ Inocência é uma figura que acaba de chegar no terreiro através dessa nova roda que estreamos dia 7 de setembro de 2018. Ela é uma vóia e vovó, mas também se transforma numa criança, que é sua neta e brincante. Inocência vem trazendo o frescor que essas duas idades podem ter. Também o poder da invenção, lembrando que tudo pode ser o que se é.

encontro uma passagem no meu livro de cabeceira, o “Mulheres que Correm com os Lobos”, cito:

(...) A inocência é diferente da ingenuidade. No interior existe um ditado que diz: “A ignorância é não saber de nada e ser atraído pelo bem. A inocência é saber de tudo e ainda sim ser atraído pelo bem” (...) Voltamos a mergulhar no estado de deslumbramento que vemos na maioria dos seres humanos que são muito jovens e em muitos que são bem velhos (...) A origem da palavra significa inocente de dano ou de lesão. Em espanhol a palavra *inocente* descreve uma pessoa que tenta não prejudicar o outro, mas que *também* é capaz de curar qualquer lesão ou dano causado a si mesma. *La inocenta* é com frequência o nome dado a uma curandeira, uma benzedeira, a que cura os outros de lesões ou danos. (ESTÉS, 1992, p. 191-194)

Surge Inocência, a figura que vem derrubando as paredes de um mundo velho e propondo que tudo pode ser do tamanho que quisermos. Como em sua música “*Vem com a sua força, nem menina nem mulher, vem lembrar que tudo pode ser o que se é*”. No começo ela era um Erê²⁰. Corpo vivo, atento. Olhar esbugalhado que enrugava a testa... Sempre surpresa. Com uma vocalidade que sugere como quem não quer nada, mas é parte estado de jogo que essa figura propicia. Tem um gesto, talvez em minhas memórias antigas, também o encontro nos terreiros, em que as duas mãos vão para traz da cabeça pela parte de cima e se entrelaçam nas costas. Esse gesto fez absolutamente tudo acontecer. Quando o reproduzo parece que aciona um lugar do infante dentro de mim, eu acesso uma memória... Talvez da minha criança. Ele vem acompanhado de uma língua que, de repente, vai pra fora e aperto com os lábios - como se aprontasse. E pronto, a partir disso eu realmente aprontava.

Ela tinha um cabo de vassoura que usava como cavalinho e era perceptível a transformação que causava quando aparecia no terreiro de Seu Estrelo. A brincadeira se instaurava, tinham jogos, gritos e risadas. Quem olhava queria brincar, propor, inventar. Quando a Inocência chegava de criança, que mais tarde descobrimos que seu nome é “Mateus”²¹, percebíamos o inventar sendo

²⁰ Erê é uma divindade infantil dentro de várias religiões afro-brasileiras, é o aflorar da criança dentro de si.

²¹ Mateus também é uma figura do Cavalo-Marinho, brincadeira que vem de Pernambuco, e a quem Seu Estrelo brinca e inventa com essa referência. Inocência tem uma relação direta com Sebastião na roda, que é o Capitão, e no Cavalo-Marinho Mateus e Bastião são uma dupla.

infinito. Infinitude que abriu espaço pra que Inocência fosse uma velha e uma criança ao mesmo tempo, ou seja, uma figura que tinha duas faces. A velha como a vó cuidadora da criança, que embora possuíssem idades muito distintas, traziam em comum esse infinito chamado Inocência (criança velha e mar pequenininho, por dentro tudo pode... Inventar é dar o nosso tamanho - inventar nossa memória. Qualquer coisa pequena pode aspirar ser mar!). As duas dialogam através de um só corpo, uma dando espaço pra outra, pra que cada uma cumpra seus objetivos. Sinto a vó passando de mim, enquanto figureira, quando ela cuida de Bastião, no curvar da coluna, no seu linguajar, no tremor das minhas mãos - agora mãos dela.

Encontro, lampejo: A senhora que apareceu quando ainda estava no NUTRA, guardada em meu corpo, retorna. Tem um caminhar muito parecido com a antiga, a bacia entra e isso faz com que as costas se curvem um pouco. Seios balançam. Lá embaixo. Corpo vivo. Mulher viveu, mulher vive, mulher viva. Viva. Viva! Viva! Entra a criança. Criança é VIVA! VIVA! Pula. Lá em cima. Vou pegar uma estrela no céu. Caiu. Caiu Voltou. Opa. Ai. Mulher viveu. Ah, a senhora aqui. A mãozinha com dedos sempre juntinhos, o gesto é pequeno, a boca come uma coisa. Que coisa é essa que a boca come? Parece com seu tio lá de Minas, Tainá. Tio Pedro. Bem velho o Tio Pedro. Ele come vento, acho que sim. Porque nunca tem nada na boca dele, mas ele mastiga, eu vi, eu sei, sério. Tô falando sério. Eu vi mesmo, a boca purinha sem comida. Tio Pedro vive de comer é vento. Deve ser a dentadura... A senhora velha come vento também - diz que faz bem pro corpo mastigar vento, que ela vira ventania quando o vento assovia dentro dela... Areja, sabe? Quando não abre a janela, a casa fica com mofo. Mofo é ruim, coça demais o nariz. Ei! Menino véi danado, gente! Passa lá pra dentro. Que coisa. Que coisinha. Pequeninha. Pequeninha demais. Ôh, coisa linda da véia. É lindo demais... Ai, que saudade de você. Que saudade de passar as unhas nas costas procê domi, ein... Ôh... Que saudade, ein, menino... Ai... Que salgado... Tão salgado. Tem um salgado aqui na boca quando dá saudade de você... Ai, credo... Eu como vento é pra te lembrar...

Consulto as memórias de Tainá, meu quintal de vó: o jeitinho que ela colocava seus pequenos dedinhos enrugados em meus cabelos, o jeito que fazia

carinho passando suas unhas nas minhas costas, as canções que cantarolava quando percebia que meus ouvidos precisavam de calma, sua mania de colocar comida dentro da alface pra comer, o modo que me questionava sobre os meus sonhos – sempre afetuosa e esperançosa. Pela minha vó eu soube que podia ser do tamanho que eu devia ser. A vó Inocência e minha vó vem do mesmo lugar, mas são duas diferentes, elas compartilham sonhos iguais e não corpos. Inocência é memória inventada, e por isso, tão rica. Visitei o Tempo-Quintal pela primeira vez no quintal de minha vó, Dona Maria Aparecida... E juro que sinto, e ousou escrever, que os pequenos gestos dessa senhora construíram as primeiras poesias que vi o mundo me mostrar. Sua cama com lençol florido, florzinhas pequenas e rosas, as conversas que tinha com o papagaio, que ficava no telhado, enquanto ela cozinhava, o jeito que ela chamava "chanim", um gato preto grande que morava lá, a fé que tinha quando benzia a todas que a procurassem, o jeito com muito esmero que cuidava das suas plantas e do nosso pequeninho lar, que pra mim era imenso. E quando vemos, presenciando ou recordando a memória viva e inventada, a simplicidade que mora na poesia, nosso coração se torna um pouco mais sereno e alegre. Minha vó sentia, abrindo espaço pra que eu me emocionasse, trazendo beleza até mesmo em seu desencarne. Eu já dava bom dia ao céu, às flores e a tudo que se mexia ou não, desde muito pequena, mas minha vó me ensinou a proteger as borboletas dos meninos que tinham estilingue, a rezar pro céu chorar quando o calor confundia nossa cabeça... A criança inocente que fui e sou, a vó sábia e carinhosa que tive e em mim está... Esta é a Inocência. Nós duas, e todas que vieram antes, a criamos. Visito minhas memórias corpóreas, emocionais e racionais que possuo de intimidades em terreiros de Umbanda, são lugares onde a Inocência mora todos os dias. Descubro os aléns dos mundos, a amorosidade preenchida e encarnada nas palavras de uma Preta-Velha, o brilho das estrelas nos olhos dos Erês. Saúdo nossa força, agradeço pelos encontros e termino a roda, penso em minha pequenina vó e também lhe agradeço por eu ter sido tudo o que sou hoje. Peço licença para as estrelas – que hoje é sua morada, lá do lado da Celestina²².

²² Celestina é o lugar onde moram as figuras de Seu Estrelo.



Figura 6 - Inocência, enquanto a criança, no espetáculo de Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro: Trincheira ou Poeira é Vestido de Vento. Outubro, 2018. Olhar de Thaís Mallon.

3. O INVISÍVEL VISÍVEL: MEMÓRIA E BAÚ

(...) Com o corpo é diferente, ele possui a memória das árvores seculares, esculpido pelo tempo, antes mesmo de existir como consciência. Uma vida poderia ser contada seguindo somente os trilhos deixados pelo tempo, através de cada marca, nervura ou ruga, que colecionamos no passar dos anos.

Ana Cristina Colla

O corpo aqui é matéria e potência importante, ele é o canalizador da brincadeira por ela mesma, baú de memórias coletivas e individuais. A investigação vem através dele, em contato com outros corpos ou não, e suas dimensões e produções sensoriais. Esse corpo baú que recalca o que foi e o que não foi elaborado. Memória toma lugar no corpo. Tratarei aqui da investigação desse corpo enquanto canalizador do Teatro de Terreiro, evocador de memórias. Memória: Corpo Invisível, Corpo: Baú de Memórias.

Percebo que a poesia no espaço, a linguagem dos sentidos, se canalizará através da atriz. Ela se dispõe a revelar seu ser com as memórias recolhidas durante sua existência e com isso compartilha histórias e corporeidades, talvez faça parte desse movimento a busca pelo encontro do precioso fio de vida, que conecta céu-terra-mar-concreto-carne-gente e faz com que estejamos dispostas e vivas no nosso fazer. Sabemos nosso caminho, somos guiadas pelo nosso autêntico fio de vida. Uno com ele. É um compartilhar de vivências, quando revelo parte de mim mesma instigo a outra a se revelar *junto* de mim. Provoco uma catarse de acionamentos sensoriais, abro espaço para o caminhar em comunhão junto ao público. Faço convites. Fiz a mim mesma.

Investigar o ato de brincar na potência que é o corpo, grande condutor de memórias. Aqui trago Ferracini:

O corpo em êxtase, o corpo em dança, o corpo em ação restaura a luz. Ele não pensa, pois é pensamento e nesse pensamento age, cria e, portanto, resiste. Ele não possui memória, mas é memória e nessa memória recria, restaura e, portanto, se atualiza. (Renato Ferracini, *Corpos em Fuga, corpos em arte*, 2006, p. 13-14 - meus grifos)

Penso, portanto, que não se trata de adestrar qualquer tipo de impulso causado por esse corpo que se atualiza nele mesmo. Ele sabe. Ele cria. Ele é. Acho interessante quando Grotowski, fala sobre o corpo-memória²³, pontua: “(...) Em geral, não é algo que se possa enunciar com palavras [...] Não é necessário ‘pensar’ nisso. É necessário indagar com o corpo-memória, com o corpo-vida. Não chamar pelo nome” (GROTOWSKI apud LIMA, 2010, p.164) Ou seja, estamos tratando aqui de um corpo que diz, que tem um arsenal de instantes gravados em sua extensão, logo, não possui, e sim exerce. Exerce o que se é. Lembro, mais uma vez, do nosso fio de vida. E por algum lugar, sei, sinto, que estou aqui escrevendo sobre um caminho já trilhado com conexões entre tudo o que trago e manifesto aqui. O fio de vida me parece ser um encontro com esses impulsos que o corpo, enquanto ativador de memórias, obtém. Nos perceber é encontrar memória, é dar voz ao que se é.

Se trata do corpo *disponível* como criador de realidades, catártico, curador e transformador. É o corpo que aceita, porque se vê aceito. Sagrado e profano. O corpo que “totalmente aceito na sua corporeidade, sexualidade, carnalidade, fosse ao mesmo tempo, e justamente por consequência dessa aceitação, um corpo luminoso, de prece.” (LIMA, 2010, p.162) Corpo de gente. Corpo que exprime seus desejos e se torna nu por contar sua história, às vezes por si mesmo, às vezes por tentar alcançar a/o outra/o refletindo através do que se possa ter em comum com outrem. O contato se dá com a atriz pelo público se reconhecer nela. Ele é ela. Um pedido para o desnudar-se em comunhão.

Suores, suspiros, respiração suspensa, risos de diferentes matizes, preenchem o espaço. *O barco flui, o ator maneja o remo e com ele vai abrindo as águas, rompendo o tempo real, conduzindo os passageiros*. E esse sentimento é mágico, quase indescritível. Raro, de significado precioso. **Nisso creio. Esse momento busco**. Fugaz!

²³ Corpo-memória é uma noção de Grotowski do final da década de 1960, se tratava de “um corpo anterior aos pensamentos”.

tão fugaz e tão intenso, que é um prazer-dor, *porque após o pico vem o esvaziar*. **O corpo** como que **se esvai**, sugado, pela energia gasta pelo contato estabelecido. Um orgasmo conjunto. Talvez exageros de pisciana. (COLLA,2003, p.12 - meus grifos)

A memória só passa de guardada no corpo para ser no corpo quando comungada, interessante pensar na esfera que para dar vida à memória, é preciso sair do controle do si, do meu. É necessário que se externe no corpo o que se tem por dentro. O corpo passa de possuir para ser quando uma comunicação é estabelecida através de nossos canais de sensibilidade... Assim a poesia no espaço é criada. Então ela nasce, brota, une e se alastra – como as plantas e ervas: germinam, furam a terra, resistem ao novo ar, a seu novo mundo, conquistam seu terreno, espalham suas raízes e, quando encontram um terreno propício, se alastram com muita facilidade preenchendo qualquer espaço. Se necessário, chegam a romper concretos para sua sobrevivência. Assim é o corpo com a memória. Dessa forma se cria e se acionam as memórias. Ela resiste e, quando nutrida (através de um reconhecimento dela, do que acredito ser a vasão dada ao “fio de vida”) encontra o próprio espaço. Se alastra. Nosso corpo é um baú de memórias que criam e conectam nossos interiores. Todas nós somos como uma rede de baús com nossos corpos.

Gosto da noção de que “(...) a incorporação, ou seja, o papel do corpo na transmissão do conhecimento” (RESENDE, 2014, p.262) me leva a pensar. A autora faz referência a esse corpo enquanto baú que transmite o que se é, seus saberes, suas histórias e pontos de vista. E por isso conecta passado, presente e futuro - e por isso se funde, transmite. Se vive na intensidade do momento agora, com tudo o que se é, Tempo-Quintal. Me interessa essa dimensão corpórea que tem a capacidade de se fundir a outro corpo (atriz-público, atriz-atriz). Me interessam todas as perguntas feitas a partir disso, porque pra mim são muitas, e em sua maioria eu não possuo respostas a não ser pelo contato que estabeleço com um universo mítico e poético. Acho que é também minha forma de aceitar a dimensão do oculto. Talvez por isso venha meu interesse pelas coisas invisíveis e minha gana por afinar mais o intangível, o que não é

visto, o que é misterioso e inumerável, eu defendo e trago sua riqueza. Precisamos incorporar o invisível, cada vez mais. E venho aqui pontuar que o invisível não se denomina, ele é o que é e resiste – como a memória. Denominá-lo é categorizar o mistério das coisas, e com isso digo: impossível e limitador. É necessário aprender com a incompletude das coisas infinitas. Aceitar nossa condição enquanto portadoras de um corpo que cria e descobre, deixar-se impressionar, surpreender, confiar, sentir e acreditar. Quando se aciona junto ao público o lugar do oculto, da memória, do mistério e do segredo, se constrói a poesia de nós mesmas. Como escreve Ana Cristina Colla, “Nisso creio. Esse momento busco.” (2003, p.12) Justamente por acreditar nessa esfera do sentir, creio que as entrelinhas constroem o que tem de mais palpável - o sutil dando forma ao concreto, o micro e o macro em retroalimentação.

A imaginação está nesse campo das entrelinhas, e ela cria realidades. Essa inconstância da memória ser, exercer, o que ela tem pra contar - assim como nós mesmas, faz com que pensemos que ela está num campo de estreito afinamento com a imaginação. As duas nesse vão, nesse entre, no paradoxo. É naquele ‘nãolugar’, citado anteriormente por Tatiana Lima (2010, p.167), que se volta pra casa, que se relembra, que as duas se dão em relação. Portanto, o contato consigo mesma, o questionamento de si, ativa essa manifestação da memória inventada, imaginada. Uma alimentando a outra. Tatiana Motta Lima em seus desdobramentos, sobre a memória de Grotowski, traz essa noção da memória em constante “reavivamento” e transformação:

Em primeiro lugar, tratava-se de perceber a memória não como um lugar estático a ser acessado, como uma ‘coisa’ fixa e já possuída que devesse ser lembrada, mas como uma ‘relação’ que se transforma com e no tempo. A experiência (memória) dialoga com o experienciador, numa via de mão dupla. E, nesse diálogo, a memória não se apresenta igual a si mesma, mas em um dinamismo que é característica do estar hic et nunc. Podemos inclusive nos perguntar onde começa a memória e acaba a imaginação. Ou vice-versa. (LIMA, 2010, p.168)

Interessante esse desdobramento da memória com e no tempo, pois volto a minha dúvida de início desse projeto: o que muda no tempo/espço quando estamos em contato íntimo com a memória ali evocada? Por que muda?

Como muda? Parece que esse contato com o 'nãolugar' faz com que manifestemos a poesia no espaço, que transformemos o ar, as coisas, as pessoas... Instauramos um tempo e espaço de acordo com a característica do que foi evocado. Ao lembrar quem somos, incorporamos a memória que se atualiza no tempo e então transforma o espaço. É aquilo de ser "*passante e participante no/do fluxo da vida*" (LIMA, 2010, p.169). Presentificar o passo. Presentificar o passado. Atualizar o passado. Reconhecer o Tempo-Quintal. Brincar com ele. Assim é o fluxo.

Em cena, como atriz ou espectadora, já senti um corpo se debruçar sobre mim, mesmo com nossas distâncias corpóreas delimitadas (palco-público), com sensações que nunca vivi, e ali, essa troca me possibilitava expandir pra tudo o que eu poderia ser. Como se existissem linhas invisíveis, porém que despertam emoções, que conectassem todo o movimento emocional entre atriz-público, que acionassem memórias, crenças, traumas e sensações. Creio ser um momento sublime colocar o público no mesmo barco onde a atriz navega, ela faz um *convite* ao embarque. Um convite não dito em palavras, mas sim por aquela poesia no espaço. Por sentir a conexão como algo poderoso, creio, que essas linhas invisíveis podem ter a capacidade da transformação pela expressão do que se é. Nosso corpo possui a plena afinação dessas capacidades intangíveis. Talvez, também como Ana Cristina Colla, podem ser exageros de uma outra pisciana... Mas assim como foi escrito anteriormente, se me emociono assim é porque alguém abriu esse espaço pra mim enquanto sentia. Se abro e desdubro meu corpo em poesia, ela alcança o sublime dentro de outros corpos que compartilham também do sentir.

Quando canto e danço para os que já foram, canto e danço também para minhas memórias antigas. Acesso corpos e descubro o revelar de quem sou, mesmo que rapidamente - através de gestos, corporificações, sons... Quando brincamos, na cultura popular, nós saudamos a memória - a nossa, dos que ali estão e dos que já se foram. Porque ao brincar, nossas mestras e companheiras estão ali também, mesmo as que já se foram, como se elas tomassem morada no nosso corpo e pudessem reviver o que dentro delas é sagrado através de nós. É por isso que pra brincar, tem que abrir o peito. Tem que brincar com tudo

– corpo, jeito, palavra, gingado, mão, pé e coração. Assim se abre espaço no corpo e pode brincar através dele. Às vezes as figuras passam da gente, como aconteceu nessa última roda (Figura 3, p.23), quando nos damos conta ela já foi, brincou e brincou com a gente. Se eu fosse escrever de forma menos subjetiva era só pontuar que aquela personagem foi muito bem construída, voz empostada, corpo presente, circunstâncias bem definidas e integradas. Acho a técnica muito importante como a abertura pro acervo de possibilidades e potências que podemos desenvolver, mas acredito que também é preciso se deixar surpreender pela magia que se realiza quando acreditamos. E se acreditamos, ela é real.

Eu chamo de memória o que pra mim é o mais próximo do que somos, mas pode ser que o que eu quero dizer com memória tenha outros nomes com outras pessoas. Eu penso em memória, por que? Um povo sem memória é um povo que não se reconhece. Escrevo isso quando há três dias atrás um museu, com anos de história, pegou fogo no Rio de Janeiro²⁴. Fico pensando em como é significativo isso ter acontecido meses antes de uma eleição no meio de uma época tão conturbada politicamente que é a que o Brasil tem passado. E insisto em escrever, povo sem memória é povo deixado de lado, é gente que não sabe quem é. Penso em memória porque me é precioso o resgate. É um resgate coletivo de nossa história, de quem somos, de onde viemos e porque somos quem somos. Com isso, diante de todos os lugares que já cheguei até aqui, reflito, *é um resgate de nós mesmas*. E isso é urgente. A memória das coisas é importante para lembrar a memória de nós mesmas, no corpo, mas, exatamente pela alternativa que temos de *ser no corpo*, possuímos a fonte mais antiga e potente a mãos: "Estamos de acordo, do que temos necessidade não é de arqueologia mas de uma água viva (...) **As fontes antigas somos nós**" (BIAGINI apud LIMA, 2010, p.169- meus grifos). Aqui, eu chamo de memória o que guardamos da vida. Entendo a vida como algo extenso, e existência como parte dela. Acho que tudo o que guardo de mais precioso são as memórias. Tem umas que invento, são ótimas, passo a acreditar nelas quando me convencem,

²⁴ (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/apos-mais-6-h-bombeiros-controlam-incendio-no-museu-nacional-no-rio.shtml>)

outras acesso como histórias contadas de mim. O dia que não as fizer mais, acredito que parei de viver. Trago aqui a noção de 'arquivo e repertório' de Diana Taylor, sendo investigada por Reinaldo Kovalski e Michelle Bocchi, por entender que um resgate a partir do corpo faz parte da nossa cultura enquanto formadora de personalidade, também que por vezes o arquivo material foi utilizado como forma de apagamento de saberes inúmeros, e por isso a recuperação do estado ativo dessa "fonte antiga que somos nós" é necessário por se comunicar com nós mesmas e reverberar no todo enquanto capacitador de sentidos.

[...] a prática da escrita esteve sempre ligada ao processo de colonização, pelo qual tomava-se posse de um espaço e de um corpo, por intermédio de meios simbólicos, dando legitimidade a este, tomado por meio do gesto documental. Os povos das Américas estavam mais ligados aos gestos de incorporação, formas não escritas de comunicação, que localizam sua comunicação especificamente no corpo. (ARAÚJO; GONÇALVEZ, 2013, p.306)

Diana Taylor está trazendo o invisível que nós vivemos quase em um tom de manifesto por nós mesmas, ativando esse estado que é ser a partir do nosso povo, do corpo, de onde viemos, comportamentos ancestrais que dizem e perpetuam no nosso fazer. "Para ela, as performances funcionam "como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social"" (TAYLOR apud ARAÚJO; GONÇALVEZ, 2013, p. 307). São esses corpos de agora que escrevem o futuro.

Escrevo depois das eleições do meu país terem sido decididas, e quero pontuar que minha escrita evoca algo extremamente político e social: escrevo aqui sobre a memória do povo que vive em mim, escrevo sobre resistência do sonho e da encantaria, sobre as crianças, mulheres - brincadeiras de gente que nasceu e reivindicou ser gente. Portanto, quero lembrar que o que faço aqui, é trazer um pouco mais para uma cultura letrada a sabedoria dos povos que esse governo está tentando apagar. Nós sempre resistimos. Se hoje me coloco enquanto merecedora e capaz de escrever essa pesquisa como um projeto de vida, é porque todas que vieram antes de mim me possibilitaram isso. E nós sabemos reconhecer, e mais do que ninguém sabemos como perpetuar nossas práticas emocionais, íntimas, políticas, religiosas e técnicas. Esse apagamento

não acontecerá! Nossos corpos são baús de memórias vivas que fazem a manutenção de um conhecimento vindo do coração. Nossa base é ser quem a gente é. Eles querendo ou não. Asè.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só
Quando eu vim pra
esse mundo
Eu mostrei minha cara
sem marcar bobeira
Cantei o meu canto e
fiquei por cá
Coisa castiça coisa tão
bonita coisa tão faceira
Cantei o meu canto
E vi Luanda²⁵
Mateus Aleluia

Terra. É chão, é raiz, é fincado.

Água, o desconhecido, o mergulho.

Corpo de lama. Aye.

Escrever sobre essa trajetória foi uma surpresa. Acredito que receber presentes, ainda mais vindos de um refúgio, traz coisas surpreendentes. Eu não esperava escrever sobre a Inocência, nem sobre suas facetas, sobre tantas histórias que aqui escrevi. A única coisa que levei para esse refúgio foi meu próprio corpo e tudo o que dele partia. Meu mergulho em escrever parte de viver o que me proponho a investigar aqui, esse é meu mundo agora. Portanto, não havia sentido ser de outra forma. Apareço, cercada de uma lama inicial, lá de antes, antiga e serena. E escrevo... Com o que tenho.

Acredito que o brincar é fundamento e o transformar urgente. Por isso, antes de terminar esses últimos parágrafos de um processo de um ano, fico um pouco

²⁵ Quero pontuar aqui essa pérola, antes de acabarmos nosso encontro em minhas considerações finais, compartilhando a preciosidade que é Mateus Aleluia ao escrever e cantar essa canção chamada "Fogueira Doce". Desfrutem comigo, através do tempo-quintal que eterniza no instante quem somos, o início de quando chegamos aqui, de quando descobrimos estar aqui, na terra, nesse corpo de lama. Nos tornemos roseira juntas. (<https://www.youtube.com/watch?v=JfJjIZIQewI>)

mais tranquila em ter trilhado um caminho de acordo com o que uma sensibilidade soprou em meus ouvidos pra que eu percorresse. Esse corpo de lama é o corpo transformador, é o corpo disponível e mutável. Carregado de dois elementos fecundos: Água e Terra. Quando viemos pra terra, a água limpa uma poeira estelar que cobre nossa pele... Daí a lama... Fecunda, misteriosa, criativa e sensorial. Me refiro a essa lama, que eu mesma acabei de criar, é essa a lama que me é de interesse criativo. A lama que cobre esse corpo antigo, cheio de nervuras na pele que é fina como de bebê.

Levando para o campo teatral, será que o teatro já não engloba tudo isso? Meus votos são pra que a trajetória percorrida aqui alimente às águas criativas internas de cada uma. Foi isso o que defendi e exerci durante toda escrita. Uma escrita poética, falo do efêmero, do entre, do vão... Como colocar em palavras as coisas que não tem nome? Acredito que pela invenção. Por isso sigo inventando. A dificuldade de colocar em palavras o que experenciei não me amedrontou porque eu sabia que a poesia daria conta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Reinaldo Kovalski de; GONÇALVES, Michelle Bocchi. Resenha de *O Arquivo e o Repertório - Performance e memória cultural nas américas, de Diana Taylor*. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 305-309, jan./fev. 2018.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Max Limonad, 1981.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: A infância*. São Paulo: Record, 2003.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: A segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.

COLLA, Ana Cristina. *Da minha janela vejo... Relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no Lume*. Campinas, São Paulo, 2003.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERRACINI, Renato. *Corpos em fuga, corpos em arte*. São Paulo: Hucitec, 2006.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

LIMA, Tatiana Motta. *Experimentar a memória, ou experimentar-se na memória: apontamentos sobre a noção de memória no percurso artístico de Jerzy Grotowski*. Sala Preta, 2010.

RESENDE, Flávia Almeida Vieira. *O Arquivo e o Repertório - Performance e memória cultural nas américas, de Diana Taylor*. Em Tese, Belo Horizonte, v.20, n.2, p. 161-164, maio/agosto, 2014.